

# “DO FACÃO AO BISTURI”

## Entrevista com a antropóloga Vera Rodrigues



"From machete to scalpel": interview with anthropologist  
Vera Rodrigues

Marcus Vinícius Martins da Silva  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia | Redenção, Brasil  
[marcusmartinsbr@gmail.com](mailto:marcusmartinsbr@gmail.com) | ORCID iD: 0000-0002-6390-650X

Flávia Luiza da Silva  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Graduanda em Antropologia | Florianópolis, Brasil  
[flavialuiza11@gmail.com](mailto:flavialuiza11@gmail.com) | ORCID iD: 0000-0002-9459-545X

Pollianna Aparecida Alessio  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Graduanda em Fisioterapia | Araranguá, Brasil  
[polialessio7@gmail.com](mailto:polialessio7@gmail.com) | ORCID iD: 0000-0003-4595-4388

Ana Luiza de Bem Silva  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Graduanda em Antropologia | Florianópolis, Brasil  
[anadebems@gmail.com](mailto:anadebems@gmail.com) | ORCID iD: 0000-0001-8524-3842



### **Resumo**

Nesta entrevista, através da lúcida sabedoria insurgente da professora Vera Rodrigues, nos foi possível discutir temas e questões um tanto inquietantes, nomeadas pela professora Vera como "o esqueleto dentro do armário". Do facão ao bisturi, expressa aquilo que de maneira transgressora esperamos enquanto cenário potente do fazer antropológico desde uma perspectiva descentralizada, relocando ideias, pensamentos, debates e embates que permaneceram à margem durante muitos anos. Mais que isso, a conversa-aula com a professora Vera nos possibilita refletir sobre a articulação que a antropologia produz com as posições identitárias e políticas de quem a faz. Através de sua trajetória, contada por ela mesma, podemos compreender a potência de uma carreira trilhada, que por vezes se entrelaça com o próprio pensar e fazer antropologia.

### **Palavras-chave**

antropologia; formação; trajetória; raça; cultura.

### **Abstract**

In this interview, through the generosity of Professor Vera Rodrigues and her lucid insurgent wisdom, it was possible for us to discuss somewhat disturbing themes and issues, named by Professor Vera as "the skeleton inside the closet". From the machete to the scalpel, it expresses what we transgressively expect as a potent scenario for anthropological action from a decentralized perspective, relocating ideas, thoughts, debates and struggles that have remained on the sidelines for many years. More than that, the class conversation with Professor Vera allows us to reflect on the articulation that anthropology produces with the identity and political positions of those who do it. Through her trajectory, told by herself, we can understand the power of a trodden career, which is sometimes intertwined with thinking and doing anthropology.

### **Keywords**

anthropology; formation; trajectory; breed; culture.

“Do facão ao bisturi” é uma frase paradigmática proferida por Vera Rodrigues, antropóloga, gaúcha, negra e professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). A expressão marca não somente a sua trajetória política e acadêmica, mas um retrato exponencial sobre as relações raciais no seio da antropologia brasileira. O texto que segue rememora uma entrevista realizada com a intelectual negra brasileira no final de 2020<sup>1</sup>, à luz da pandemia de Covid-19 no Brasil, que, por conseguinte, foi realizada de maneira inteiramente virtual. O trabalho inicial<sup>2</sup> foi realizado no âmbito da disciplina "Introdução à Antropologia", do curso de graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrada pela professora Dra. Flavia Medeiros Santos, no semestre de 2020.1. A disciplina que possibilitou a existência deste grupo de trabalho entre quatro estudantes de antropologia, proporcionou uma reflexão além daquelas emergidas no cânone antropológico. A maestria da professora Dra. Flavia Medeiros e suas provocações dialógicas foram essenciais para que nós, enquanto neófitos, pudéssemos questionar estruturas rígidas que marcam a história global da ciência antropológica e que reverberam na forma como se faz antropologia no Brasil.

Nesta entrevista, através da generosidade da professora Vera Rodrigues e de sua lúcida sabedoria insurgente, nos foi possível discutir temas e questões um tanto inquietantes, nomeadas pela professora Vera como "o esqueleto dentro do armário". Do facão ao bisturi, expressa aquilo que de maneira transgressora esperamos enquanto cenário potente do fazer antropológico desde uma perspectiva descentralizada, relocalizando ideias, pensamentos, debates e embates que permaneceram à margem durante muitos anos. Mais que isso, a conversa-aula com a professora Vera nos possibilita refletir sobre a articulação que a antropologia produz com as posições identitárias e políticas de quem a faz. Através de sua

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada em 25 de novembro de 2020 através de plataforma virtual.

<sup>2</sup> Agradecemos à professora Dra. Flavia Medeiros (UFSC) pelo apoio e contribuições feitas a este trabalho.

trajetória, contada por ela mesma, podemos compreender a potência de uma carreira trilhada que por vezes se entrelaça com o próprio pensar e fazer antropologia.

**Vera Regina Rodrigues da Silva** é professora do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). É professora efetiva no Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia - UFC/UNILAB. Líder do grupo de pesquisa Oritá - Espaços, identidades e memórias, e coordenadora da linha de pesquisa: identidades e políticas públicas. É membro do Comitê de Antropólogos e Antropólogas Negros/as da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Diretoria de Áreas Acadêmicas da Associação Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras Negros/as. Coordenadora do Centro de Estudos Interdisciplinares Africanos e da Diáspora. Coordenadora dos projetos: Mulheres Negras Resistem - Processo formativo teórico-político para mulheres negras; e o Apagamento do negro na terra do sol: Rumos da educação e cultura afro-brasileira no Ceará. Lecionou na segunda turma (2020/2021) do *Certificado en Estudios Afrolatinoamericanos*, promovido pelo *Afro-Latin American Research Institute at the Hutchins Center - Harvard University*. Ela é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Antropologia Social e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realiza pesquisas em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, trabalhando com os temas: quilombos, políticas públicas, educação, racismo, relações étnico-raciais, e feminismo negro.

**MVMS:** Professora Vera, nós estamos muito felizes em te receber para essa entrevista e, por isso, gostaríamos de lhe agradecer pelo aceite do nosso convite, e pela generosidade em partilhar conosco um pouco de sua trajetória e reflexões sobre temáticas tão caras para a Antropologia. Para começar, gostaríamos de ouvir um pouco sobre a sua trajetória ainda lá nos anos 1990 enquanto estudante na UFRGS, e como desde então as questões sobre raça te atravessam no ambiente acadêmico.

**VR (Vera Rodrigues):** Agradeço a vocês a gentileza do convite para esse diálogo. Porque penso que é assim que a gente dá os avanços necessários, os toques necessários que faz com que a coisa toda valha a pena. Eu sou uma antropóloga por formação e paixão, eu sempre digo isso! É o que me move. Eu só acredito em fazer na vida aquilo que me move. Se não for assim eu acho que não vale a pena. Se não tem arrepio e o coração não dispara, então não faça nada. E pra mim a questão racial vem na minha vida porque basicamente sou eu. Está em mim! Eu sou uma mulher negra! Foi um processo identitário e político que emergiu no movimento negro no Rio Grande do Sul, de onde eu venho. Ele se refina teoricamente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no curso de ciências sociais, especialmente na antropologia. Então quando eu chego na universidade nos anos 1990, quando eu vi que o único lugar que estava interessado em debater sobre racismo, onde existia alguma possibilidade de alguma discussão com aquilo que eu já trazia comigo era na antropologia, eu me interessei. Eu não cheguei na universidade sem saber o que eu queria. Eu tinha os meus trinta anos, então já era algo definido para mim, já sabia o que eu queria fazer. A temática racial para mim era uma coisa entranhada politicamente, só faltava a questão da produção de conhecimento sobre. Então esse caminho trilhado é o caminho que chega nos anos 1990 lá na UFRGS, onde o debate máximo era sobre as questões de gênero. Então para mim esse debate de raça é fundamental. Debates e os embates. E na Antropologia eu situaria momentos para pensar isso em termos de Brasil. É fundante da Antropologia o debate sobre a diferença, mas ao mesmo tempo que é fundante vigorou por muito tempo um silêncio, ou uma dimensão de raça que eu chamava quando eu estava na graduação e ingressei no mestrado, eu sentia como uma dimensão de "raça festiva". Que era isso que a Antropologia esperava de quem se debruçasse sobre relações raciais, principalmente se tu se debruçasse sendo negro. A raça festiva, para os estudos, ficava para a dimensão da cultura. Especialmente uma dimensão de cultura enquanto a dimensão da sociedade harmoniosa. Para mim era muito incômodo isso, porque uma vez ou outra alguém me perguntava, ou colegas ou professores, se eu iria pesquisar sobre o Carnaval em Porto Alegre, sobre

as casas de batuque e etc. E eu costumava dizer "sim, eu até me interessei em pesquisar sobre o Carnaval, mas para discutir porque que os brancos estão ganhando dinheiro com isso e os negros não. Porque o Carnaval tem que ser do outro lado da cidade, enquanto que qualquer festinha de branco, vocês podem fazer aqui no Centro". Nessa linha! Usando até a palavra branco, mesmo. Porque é outra questão da racialização no processo da Antropologia. Quem foi racializado nesse país, a quem se aplicou o conceito de raça foi a figura do 'outro', que é o 'outro' da população negra, da população indígena. Os brancos neste país simplesmente são sujeitos universais. Eu costumo dizer nas minhas falas que branco não está acostumado a ter o dedo apontado para si enquanto branco. Para o tratamento de raça na Antropologia no Brasil eu diria que teria a fase do facão e agora a fase do bisturi. Na fase do facão, que foi a fase que eu peguei, que era tu abrir esse debate de forma mais contundente, não apenas questionando o conceito, eu acho muito cômodo questionar o conceito sem questionar os sujeitos produtores de conceitos. Quando a gente debate, no início dos anos 2000, as ações afirmativas, isso vem à tona. Quem sempre produziu antropologicamente sobre o conceito de raça, sobre sua aplicabilidade, seus desafios e limites foram brancos. Quando é que sujeitos negros e negras vão ter a possibilidade de serem produtores e produtoras de conhecimento sobre esse tema? Quando é que brancos vão parar para ouvir, ao invés de ficar sempre dizendo o que é, como deve ser?

É aí que a Antropologia mexeu com o seu esqueleto no armário. Teve uma época na graduação, uma professora que disse em sala de aula para nós que o colonialismo era o esqueleto no armário da Antropologia, porque era dentro de um sistema de opressão, dentro de um sistema de hierarquização da diferença que surgiu a ciência do 'outro'. Então, ser antropóloga/antropólogo mesmo que isso já fosse superado, já existia o Roberto Cardoso de Oliveira: 'antropólogo latino-americano e o seu trabalho é o outro lado da moeda da cidadania, esse deve ser o seu comprometimento'. Anos 1990, pós democratização do Brasil era esse o nosso comprometimento, cidadania, compromisso com povos marginalizados, direitos humanos, mas isso tudo não apagava ou não impedia que o esqueleto

no armário se remexesse. Ainda sobre o período mencionado antes, eu soube recentemente que eu fui a primeira mulher negra concluinte no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. As pessoas negras que estiveram antes de mim eram homens e houve também uma ingressante que não concluiu o curso. Achei isso bem interessante de pensar pois junta essas dimensões de gênero e raça. A chegada ao doutorado em antropologia na USP, se deu em 2008. Em 2006, no final do meu mestrado na UFRGS, a minha orientadora, Denise Jardim, me disse: 'olha Vera, tu és uma mulher de raízes, tá na hora de voar, já fez graduação e mestrado aqui, cai fora'. Aí eu pensei: eu vou mesmo! Vou dar o ar da graça por aí. E eu fui dar o ar da graça na USP com uma bolsa de ação afirmativa da Fundação Ford, e foi a primeira vez que eu pude ter dedicação integral aos estudos, pela primeira vez na minha vida eu só estudei. Eu trabalhei a minha vida toda. Eu fiz mestrado trabalhando. Então, com uma bolsa de ação afirmativa e dedicação exclusiva era outro mundo para mim. E a USP foi mais leve que a UFRGS em termos do atrito racial, não sei se é porque eu já conhecia, eu já tinha passado pelo facão. Lá na USP tinha Kabengele Munanga, Carlos Serrano e Márcia Lima, na Sociologia, já era um ar menos tenso, sinceramente foi menos tenso para mim. Eu achava as pessoas ao meu redor mais tensas do que eu mesma, eu só queria seguir em frente.

Tinha lá também uma professora que era um bom exemplo do debate racial dos anos 1930, ela dava uma disciplina sobre raça dialogando basicamente com o Gilberto Freire e Franz Boas, era aquela dimensão de trazer raça para o nível cultural, mas era aquela cultura tipo assim: “O piano da mamãe, que ela tinha em casa e tinha um senhor que estava lá desde criança trabalhando no sítio da família e de vez em quando tocava aquele piano”, ele era preto, é claro. As filhas adotivas pretas também, os seus bibelôs para serem exibidos. Toda vez que alguém pontuava um certo olhar racista nas aulas, ‘não, mas eu tenho filhas pretas’. O que a gente chama hoje de *black card* ou escudo negro, toda vez que um branco racista é confrontado com o seu racismo ele aciona o *black card*, que é do tipo: “eu tenho amigos negros, eu beijo negras”. Eu já vi antropólogos e antropólogas puxando fotinhas de parentes

para mostrar o seu lastro, parece até que essa gente não leu Oracy Nogueira, não entende que raça no Brasil é fenótipo, não ascendência. Então essas questões ainda estão sendo tensionadas. Se tu pegares o texto do Lévi-Strauss, dos anos 60, patrocinado pela UNESCO, aquela velha tensão entre raça e cultura na Antropologia, para que lado vai a Antropologia. Eu fiquei pensando por um tempo que cultura foi só um eufemismo para raça porque, continua se hierarquizando a ideia de raças que seriam, digamos assim, uma ideia de cultura, de uma cultura que era padrão geral e tinha as outras, e o impacto disso sobre a ideia de progresso, a própria ideia de história. Porque não deixaram de hierarquizar a cultura, se no senso comum hoje as pessoas falam 'fulano não tem cultura', de onde vem isso? A ideia de que *hip hop* não é cultura, a não ser que tu faça uma festa de *hip hop* nos Jardins de São Paulo, como eu vi, com ingressos a 500 reais para a elite paulistana se divertir, aí já é outra coisa.

**FLS:** Professora, durante o curso de Introdução à Antropologia nós fomos aprendendo que a antropologia teve um papel central em muitas culturas. No processo de colonização de muitas culturas. Inclusive assistimos o filme “A Vênus Negra”<sup>3</sup>, onde percebemos claramente essa relação colonial, do racismo científico com o 'outro'. Então eu queria saber como é que a senhora avalia de que maneira a antropologia tem avançado nos últimos tempos para desocupar esse lugar de colonização?

**VR:** Sem dúvida que eu vejo esse avanço em nosso contexto de Brasil. Isso vem com os trabalhos com e nas comunidades quilombolas. Ali juntamente com as Ações Afirmativas você vê o compromisso da Antropologia. Foram os antropólogos que saíram na busca e formulação do conceito de “quilombo”, fazendo os relatórios, indo inclusive para os espaços não acadêmicos, para a garantia de direitos como o espaço do judiciário, o espaço técnico do INCRA<sup>4</sup> por exemplo, eu fui uma dessas. Então ali para mim a antropologia demonstrou a que veio. Sem dúvida, sempre existiu esse debate [sobre o papel da antropologia], e que acho que a gente vem desconstruindo isso especialmente a

---

<sup>3</sup> Lançado em 2010 e dirigido por Abdellatif Kechiche, o filme narra a história de Saartjie Baartman.

<sup>4</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.



partir do momento que se impõe sobre a Antropologia uma realidade social para além da França, para além dos debates “bem-vindos”, para além da “raça festiva”, isso vem sendo crescente. Vocês não imaginam, mas algum tempo atrás, em 2001, se dizia que era impossível o Brasil adotar as Ações Afirmativas. Imagine pensar a existência na ABA de um Comitê de Antropólogos Negros e Negras. E, temos hoje. Eu e a professora de vocês, a Flavia Medeiros, somos parte deste Comitê de Antropólogos Negros e Negras da ABA, e nós só chegamos aí porque também questionamos o tema do racismo estrutural, como ele permeia uma associação científica com mais de 50 anos nesse país. E aí qual é a fase da Antropologia agora? Eu diria para vocês que é a fase do bisturi, que é após as Ações Afirmativas, é justamente esses avanços que nós estamos tendo. É justamente um corte. Eu digo bisturi porque é um corte preciso, direcionado. Leva mais tempo que o facão. O facão abre caminho de qualquer jeito. Mas o bisturi pede foco, pede estratégia, e nem por isso sangra menos, só tem que saber onde cortar, essa é a questão. Não precisa sair gastando energia, igual ao uso do facão. Pega um bisturi, mira e corta, porque é isso que vai impactar inclusive na agenda de pesquisa de vocês. Vocês não estão tendo essa conversa comigo por acaso se não houvesse um impacto na agenda de pesquisa e produção de conhecimento da universidade. Por exemplo, quando eu leciono na disciplina Teoria [antropológica] I para o mestrado, eu também trago autores, intelectuais negros. Como é que tu vai fazer antropologia e não estudar Anténor Firmin, antropólogo haitiano que já estava respondendo o debate sobre raça no final do século XIX, já estava, só que isso não aparece nos cânones, então não apareceu para mim, mas eu busco. Não dá para não incluir Zora Hurston, Lélia Gonzalez, dentre outros e outras. Hoje meu compromisso é oferecer aos estudantes, aos futuros antropólogos e antropólogas desse país negros e brancos, uma formação mais ampla possível, um olhar mais amplo possível, porque eu não quero que ninguém saia reproduzindo racismo. É aquela velha história, não basta ser racista tem que ser antirracista. Acho muito bonitinho ter essas conversas todas, por vezes, me parece, que é uma tentativa de deixar tudo em aberto e mais fluido, aquela coisa toda, mas na sala de aula continua com uma ementa de disciplinas, que reproduz as visões eurocêntricas,

conservadoras. Sem incorporar uma intelectualidade negra na produção de conhecimento não há avanços possíveis. O fato de nós estarmos aqui reunidos hoje é um tipo de avanço.

**PAA:** Professora, sabemos que o debate sobre a atuação da Antropologia Brasileira em comparação a outros países é amplo. Gostaria de saber qual a visão da senhora sobre como a antropologia brasileira tem trabalhado a questão antirracista nos seus estudos e atuação, mas também sua própria branquitude.

**VR:** Ao mesmo tempo que é uma necessidade, eu penso que todos já entenderam que isso é uma iniciativa premente, é necessário fazer essa discussão da branquitude inclusive no meio acadêmico da antropologia. Mas obviamente isso encontra ainda suas resistências, não acho que assim como o restante da sociedade brasileira todo mundo está preparado para isso não. Porque qual é o tema? Essa é uma discussão que implica em falar de privilégios. Privilégios estruturalmente postos a partir de uma hierarquização racial, então é difícil, as pessoas se sentem atacadas, magoadas, ofendidas, esse lado meio dramalhão. Um bom exemplo que nós tivemos foi quando houve o caso da análise “antropológica” do trabalho musical “Black is King” da cantora Beyoncé. Achei interessantíssimo em um primeiro momento acompanhar nas redes sociais e em alguns sites especializados, posicionamentos de antropólogos e antropólogas. Um terror para o povo! Como assim estão questionando a análise antropológica de uma das especialistas nesse país sobre relações raciais?! Os questionamentos contrários à análise “antropológica” foram postos no lugar de questionamentos de ativistas, como se não houvesse nenhum fundamento antropológico nisso, nenhum fundamento científico. Existia uma autoridade científica falando e existiam os “outros”. Até que a autora mesmo reconheceu que faltou a ela uma visão que dialoga com referências que não necessariamente uma branquitude acadêmica já está apropriada. O afrofuturismo por exemplo, ou pegar o trabalho da antropóloga Zora Hurston para falar sobre isso, são referências que a gente já está utilizando, talvez já tenha gente correndo atrás disso. Isso é bom. Eu diria que a branquitude em todo seu espectro acadêmico e não acadêmico está sendo convidada

a partilhar minimamente de uma produção de conhecimento, de um olhar não hegemônico que foi até hoje.

**ALBS:** Professora, ao planejarmos esta entrevista utilizamos textos trabalhados no curso para melhor embasar a discussão. Uma das obras que utilizamos trata-se do texto de Marshall Sahlins, "La pensée bourgeoise: a sociedade ocidental como cultura" (Sahlins 2003[1976]). Numa discussão sobre esse texto eu me recordei do Rodney William, quando ele fala sobre apropriação cultural, como ele fez questão de defender a tese [de doutorado] dele na sexta-feira para estar vestido de branco e como ele fez questão de sempre usar seus colares por cima das roupas. Nesse sentido, pensando sobre os signos que são tratados no texto [de Marshall Sahlins], como os signos da estética afro-brasileira infere sobre os corpos negros?

**VR:** O corpo negro é um corpo político, independente dos acessórios. Por exemplo, essa blusa que estou vestida. Outro dia fui identificada no supermercado por uma jovem guineense porque esse pano remete exatamente ao país dela. Ela perguntou logo se eu trabalhava na UNILAB. E isso ocorreu aqui em Fortaleza ao comprar minhas coisinhas no supermercado. Então, eu carrego comigo símbolos, coisas que remetem a uma identificação que por vezes não é só uma identificação estética. Poderiam perguntar porque que eu uso, porque eu me sinto muito mais a vontade usando isso aqui. Não é nenhuma busca de essencialização, romantização ou se fantasiar de africana. Não sou africana. Eu sou descendente de africanos com 86% de DNA, só isso. Eu já usei cinza e marrom demais na minha vida, minha vida já foi monocromática demais. O que acontece em todas essas questões num corpo negro, elas impactam, impactam além da questão estética. O Rodney William é um babalorixá, provavelmente ele é um filho de Oxalá para andar nas sextas-feiras de branco. O que acontece é que o uso dos símbolos suscita uma discussão. Desde apropriação cultural, desde aquela coisa mesmo de que o sujeito se encontra, se descobre numa ideia de pertencimento racial. Aí faz de tudo. Inclusive um fazer meio desassociado de trajetória. É como se fosse um momento. E aí a gente vai para um outro conceito que é a questão da identidade.

Identidade não é uma camiseta que você veste a teu bel prazer.

**MVMS:** Professora Vera, você nos trouxe questões bastante importantes para refletirmos. O mais legal nisso é compreendermos a potência da sua trajetória de formação teórica-política como representativa na reflexão sobre as dimensões de raça, cultura e diferença na antropologia. Em nome da equipe, eu agradeço mais uma vez a prontidão e disponibilidade em nos presentear com essa conversa-aula tão rica.

**VR:** Eu quem agradeço pelo convite. Estou muito feliz! Acredito que vocês sejam o tipo de antropólogos e antropólogas que eu quero formar. Eu já estou na fase de passar o bastão (risos), e no que eu puder contribuir eu estou à disposição. É o que eu posso fazer, contribuir para mais e melhores dias para todos e todas nós, dentro e fora da sala de aula, numa antropologia cada vez mais engajada, no sentido de que se ela não te move então vai fazer qualquer outra coisa da vida, é por aí que a gente vai. Fiquei bem contente com a nossa conversa. Muito obrigada!

#### **Referências bibliográficas:**

- Filme: *Vénus Noire*. Bélgica, França, Tunísia. 2010. 159 min.  
Direção: Abdellatif Kechiche.
- SAHLINS, Marshall. 2003 [1976]. “La pensée bourgeoise: a sociedade ocidental como cultura”. In: *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, p.166-203.

Enviado: 28/05/2021  
Aceito: 29/06/2021